



Transtorno do Espectro Autista: População Adulta

Julia Oliveira Fabretti ¹, Arthur Barbosa Mendonça², Murielle de Almeida Sousa Oliveira³, Larissa Moraes de Sousa³, Sabrina Aires Abreu³, Luís Eduardo de Araújo Rocha³, Amanda Mazzuco⁴, Carla Leika Nanami⁵, Ransés Valério de Aquino⁵, Matheus Correa de Oliveira⁶, Laís Eduarda Azevedo Langkammer⁶, Henrique Caixeta Rocha⁶, Seher Nail Safa⁷, João Pedro Cardoso Aranhã⁷, Leonardo Mailho Maroubó⁷.

REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO

O autismo é uma condição multifacetada que demanda uma abordagem holística para compreensão e intervenção. A pesquisa contínua, o diagnóstico precoce e a implementação de estratégias de apoio são cruciais para atender às necessidades variadas dos indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ao avançar nesse campo, contribuimos não apenas para a ciência, mas para a construção de uma sociedade mais inclusiva e compassiva. As características mais comuns observadas em adultos no espectro autista englobam desafios nas interações sociais, comunicação atípica, comportamentos repetitivos e sensibilidades sensoriais, conforme evidenciado por estudos. As repercussões clínicas destacam a presença recorrente de comorbidades, especialmente ansiedade e depressão, além de desafios em termos de saúde física e acadêmica. Essas complexidades clínicas demandam uma abordagem multidisciplinar e personalizada. No que diz respeito aos tratamentos inovadores, a pesquisa abrange terapias farmacológicas específicas, como a administração de oxitocina, e abordagens tecnológicas inovadoras, incluindo terapias baseadas em realidade virtual e aplicativos. Ressaltamos ainda a importância de uma abordagem holística, considerando a variabilidade do espectro autista e a necessidade de intervenções adaptadas às características individuais. A busca por tratamentos inovadores, embora promissora, está em constante evolução, exigindo uma abordagem contínua e integrada na prática médica para melhorar a qualidade de vida e a funcionalidade de adultos com autismo.

Palavras-chave: autismo, diagnóstico, repercussões clínicas.

Autism Spectrum Disorder: Adult Population

ABSTRACT

Autism is a multifaceted condition that demands a holistic approach for understanding and intervention. Continuous research, early diagnosis, and the implementation of support strategies are crucial to meet the diverse needs of individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD). Advancing in this field contributes not only to science but also to the building of a more inclusive and compassionate society. The most common characteristics observed in adults on the autism spectrum include challenges in social interactions, atypical communication, repetitive behaviors, and sensory sensitivities, as evidenced by studies. Clinical repercussions highlight the recurrent presence of comorbidities, especially anxiety and depression, along with challenges in terms of physical and academic health. These clinical complexities necessitate a multidisciplinary and personalized approach. Regarding innovative treatments, research covers specific pharmacological therapies, such as oxytocin administration, and innovative technological approaches, including virtual reality-based therapies and applications. We also emphasize the importance of a holistic approach, considering the variability of the autism spectrum and the need for interventions tailored to individual characteristics. The pursuit of innovative treatments, while promising, is in constant evolution, requiring a continuous and integrated approach in medical practice to improve the quality of life and functionality of adults with autism.

Keywords: Autism, Diagnosis, Clinical Repercussions

Instituição afiliada—¹ Graduada em Medicina pela Universidade de Marília. ² Graduado em Medicina pela Universidade de Rio Verde. ³ Graduando em Medicina pela Universidade de Rio Verde. ⁴ Graduanda em Medicina pela UniSul – Pedra Branca. ⁵ Graduando em Medicina pela FACERES. ⁶ Graduando em Medicina pela UniAtenas Paracatu ⁷ Graduando em Medicina pela Universidade de Marília.

Dados da publicação: Artigo recebido em 22 de Dezembro e publicado em 02 de Fevereiro de 2024.

DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n2p173-185>

Autorcorrespondente: *Julia Oliveira Fabretti*

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

O autismo, também conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA), é uma condição neuropsiquiátrica complexa que afeta o desenvolvimento social, comunicativo e comportamental. Segundo a Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2013), o TEA é caracterizado por padrões persistentes de déficits na comunicação e interação sociais, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento. Essa condição apresenta uma ampla variedade de manifestações, o que justifica a denominação de "espectro", indicando a diversidade de sintomas e intensidades observadas.

Os sintomas do autismo podem variar significativamente entre os indivíduos, mas alguns padrões são comuns. Dificuldades na comunicação verbal e não verbal, déficits na reciprocidade social, padrões repetitivos de movimentos ou interesses e hiper ou hipossensibilidade sensorial são alguns dos sinais frequentemente observados (APA, 2013). Esses sintomas geralmente emergem nos primeiros anos de vida, destacando a importância da observação atenta por parte dos pais e profissionais de saúde.

A prevalência do autismo tem aumentado nas últimas décadas, com estudos epidemiológicos sugerindo uma incidência de aproximadamente 1 em 54 crianças nos Estados Unidos (CDC, 2020). Embora a origem exata do autismo ainda seja desconhecida, fatores genéticos e ambientais parecem desempenhar um papel significativo. Estudos de gêmeos indicam uma concordância maior em gêmeos idênticos em comparação com gêmeos não idênticos, ressaltando a influência genética (Sandin *et al.*, 2017). Além disso, exposição a determinadas substâncias durante a gravidez e complicações no parto foram identificadas como possíveis fatores de risco (Gardener *et al.*, 2009).

O autismo é uma condição vitalícia, mas seu impacto pode variar ao longo da vida. Com intervenções adequadas, muitos indivíduos com autismo podem melhorar suas habilidades sociais e de comunicação. No entanto, alguns enfrentam desafios persistentes, especialmente em contextos sociais e ocupacionais. É crucial reconhecer a heterogeneidade no desenvolvimento e na adaptação de pessoas com TEA, promovendo estratégias de apoio ao longo de todo o ciclo de vida.

O diagnóstico precoce do autismo é fundamental para iniciar intervenções

precoces e maximizar os resultados a longo prazo. Ferramentas de triagem, como o M-CHAT (Modified Checklist for Autism in Toddlers), têm sido eficazes na identificação precoce de sinais de risco em crianças pequenas (Robins et al., 2014). A intervenção comportamental intensiva, como a Análise Comportamental Aplicada (ABA), demonstrou ser eficaz na melhoria das habilidades sociais e de comunicação em crianças com TEA (Smith et al., 2000).

Estudar o autismo não apenas contribui para o avanço do conhecimento científico, mas também tem implicações significativas para a sociedade. Compreender as complexidades do TEA permite a criação de ambientes inclusivos e a implementação de estratégias de apoio em escolas, locais de trabalho e na comunidade em geral. Além disso, a pesquisa contínua é essencial para desenvolver intervenções mais eficazes, promovendo uma melhor qualidade de vida para indivíduos com autismo e suas famílias.

OBJETIVOS

Este artigo teve como objetivo principal realizar uma revisão de literatura no campo médico, enfocando especificamente o autismo na população adulta. Buscou-se explorar a evolução do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) nesse grupo, analisando como as práticas diagnósticas têm evoluído ao longo do tempo. Além disso, buscou-se examinar as repercussões clínicas do autismo na vida adulta, explorando os desafios e as necessidades específicas que surgem nessa fase do desenvolvimento.

Uma ênfase particular foi dada ao diagnóstico precoce do autismo em adultos, destacando as ferramentas e métodos que têm se mostrado eficazes na identificação precoce de sinais e sintomas em estágios iniciais. Foi realizado um mapeamento das abordagens mais recentes e eficazes para a identificação do TEA em adultos, considerando a importância crucial do diagnóstico precoce para o planejamento e implementação de intervenções adequadas.

Outro objetivo fundamental deste trabalho foi analisar as implicações clínicas do autismo na vida adulta, incluindo as comorbidades frequentemente associadas e os desafios enfrentados pelos adultos no espectro autista em diferentes contextos. A revisão enfocou as dimensões sociais, ocupacionais e de saúde mental, proporcionando uma compreensão abrangente das necessidades clínicas dessa população.

Adicionalmente, este artigo buscou avaliar as abordagens terapêuticas e os tratamentos disponíveis para adultos com autismo. Foram exploradas intervenções farmacológicas e terapias comportamentais, considerando sua eficácia e relevância na melhoria da qualidade de vida dos adultos no espectro autista. A análise incluiu tanto intervenções específicas quanto estratégias de suporte geral, visando proporcionar uma visão abrangente das opções terapêuticas disponíveis.

Em síntese, este trabalho teve como propósito principal conduzir uma revisão abrangente e atualizada sobre o autismo na população adulta, focalizando especialmente o diagnóstico, repercussões clínicas, diagnóstico precoce e tratamento. Ao abordar esses aspectos, busca-se contribuir para o entendimento aprofundado desse tema no âmbito médico, proporcionando insights valiosos para profissionais de saúde e pesquisadores na área.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para a elaboração deste artigo de revisão sobre autismo na população adulta teve como base uma cuidadosa seleção de fontes de informação. Inicialmente, foram utilizadas palavras-chave específicas, seguindo os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), a fim de otimizar a busca por artigos pertinentes ao tema. As palavras-chave selecionadas incluíram termos como "autismo", "Transtorno do Espectro Autista", "adultos", "diagnóstico", "repercussões clínicas" e "tratamento".

A busca bibliográfica foi conduzida em bases de dados indexadas, consideradas fontes confiáveis e abrangentes. Dentre essas bases, destacaram-se PubMed, Scopus e PsycINFO, que oferecem um vasto acervo de artigos científicos, revisões sistemáticas e meta-análises. A escolha dessas bases visou garantir a inclusão de estudos relevantes, abrangendo diferentes perspectivas clínicas e terapêuticas relacionadas ao autismo em adultos.

Para aumentar a sensibilidade da busca, foram explorados tanto estudos recentes quanto trabalhos mais antigos, permitindo uma visão cronológica do desenvolvimento do conhecimento sobre o autismo na população adulta. A estratégia de busca incluiu o uso de operadores booleanos e a combinação criteriosa das palavras-chave, buscando assegurar uma abordagem abrangente e ao mesmo tempo específica.

A seleção dos artigos seguiu critérios de inclusão e exclusão previamente definidos, considerando a relevância do conteúdo para os objetivos propostos. Artigos que abordavam especificamente o diagnóstico, repercussões clínicas e tratamento do autismo em adultos foram priorizados. Além disso, foram incluídas revisões sistemáticas e meta-análises para consolidar e sintetizar as evidências disponíveis.

A análise crítica dos artigos selecionados foi realizada de forma sistemática, considerando a qualidade metodológica dos estudos e a consistência dos resultados apresentados. A síntese das informações coletadas proporcionou uma visão abrangente das tendências e lacunas no conhecimento sobre o autismo na população adulta, permitindo identificar padrões de diagnóstico, desafios clínicos e eficácia das intervenções ao longo do tempo.

Dessa maneira, a metodologia adotada neste artigo buscou assegurar a robustez e a validade das informações apresentadas, proporcionando uma base sólida para a revisão abrangente do tema. A busca estruturada, a utilização de palavras-chave baseadas nos DeCS e a análise criteriosa dos estudos permitiram abordar o autismo na população adulta sob diversas perspectivas, enriquecendo a compreensão desse fenômeno complexo e multidimensional.

RESULTADOS

A vastidão do espectro autista revela-se ainda mais complexa quando voltamos nossa atenção para a população adulta, demandando uma abordagem meticulosa e abrangente. No que concerne ao diagnóstico, o evoluir do conhecimento científico reflete uma tendência crescente na compreensão das particularidades do autismo nesta fase da vida (Jones et al., 2019). A incorporação de critérios específicos para adultos nas ferramentas diagnósticas, aliada aos avanços em métodos neurobiológicos e neuropsicológicos, tem proporcionado uma identificação mais precisa e contextualizada do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Ao adentrar as repercussões clínicas na população adulta com autismo, emerge uma teia intrincada de desafios. Estudos clínicos têm delineado a alta prevalência de comorbidades psiquiátricas, destacando a manifestação concomitante de ansiedade, depressão e condições médicas (Lai et al., 2019). Estas complicações demandam uma

abordagem integrada, reconhecendo não apenas os sintomas autistas, mas também as nuances clínicas que moldam o curso dessa condição ao longo da vida adulta.

A ansiedade e a depressão emergem como protagonistas nesse panorama clínico. Indivíduos adultos no espectro autista frequentemente enfrentam desafios exacerbados em lidar com as demandas sociais e ambientais, contribuindo para o desenvolvimento desses transtornos mentais (Lai et al., 2019). O estudo destaca a necessidade de uma abordagem integrada, reconhecendo não apenas os sintomas autistas, mas também as nuances clínicas que moldam o curso do TEA na fase adulta.

No aspecto físico, a relação entre o autismo e condições médicas específicas também é objeto de investigação. A pesquisa de Mazurek, Lu, Symecko e Butter (2020) revela que adultos com TEA frequentemente enfrentam desafios em relação à saúde física, incluindo a presença de condições médicas concomitantes. Essas comorbidades podem variar desde distúrbios gastrointestinais até questões neurobiológicas, enfatizando a necessidade de uma abordagem multidisciplinar na gestão clínica desses indivíduos.

Além disso, a literatura médica ressalta a relevância de abordar as implicações clínicas em domínios específicos, como o acadêmico. O estudo de Rynkiewicz et al. (2016) examina a trajetória acadêmica de adultos com TEA, destacando desafios específicos, incluindo dificuldades no engajamento social e nas interações interpessoais. Essas complicações clínicas, quando não devidamente abordadas, podem impactar adversamente a qualidade de vida e a autonomia desses indivíduos na vida adulta.

Em síntese, as repercussões clínicas do autismo na vida adulta transcendem as fronteiras do espectro autista, manifestando-se em uma miríade de desafios médicos e psicossociais. A compreensão dessas implicações clínicas é crucial para orientar intervenções terapêuticas adaptativas, promovendo uma abordagem integral que leve em consideração as complexidades e necessidades individuais dessa população.

A compreensão das características mais comuns do autismo na vida adulta é essencial para um diagnóstico precoce e uma intervenção adequada. Estudos, como os conduzidos por Jones, Bernier e Sabatino (2019), destacam uma série de características que podem persistir ou se manifestar de maneira particular em adultos no espectro autista.



No domínio social, observa-se frequentemente dificuldades nas interações interpessoais. Indivíduos adultos com autismo podem apresentar desafios na compreensão de pistas sociais, na reciprocidade emocional e no estabelecimento de relações sociais significativas (Jones et al., 2019). A persistência dessas dificuldades sociais pode influenciar significativamente a qualidade de vida e a integração social desses adultos.

No aspecto comunicativo, características como a dificuldade na comunicação não verbal e a preferência por padrões de comunicação mais literais são frequentemente observadas. A pesquisa de Rynkiewicz et al. (2016) destaca que a comunicação atípica pode persistir na fase adulta, afetando tanto a expressão quanto a compreensão das intenções comunicativas.

No que tange ao comportamento, padrões repetitivos e interesses restritos são características emblemáticas do autismo que muitas vezes perduram na vida adulta. Estes podem se manifestar em rotinas rígidas, interesses intensos e focalizados em temas específicos, além de movimentos motores estereotipados (Lai et al., 2019).

A sensibilidade sensorial é outra dimensão a ser considerada. Adultos com autismo podem apresentar hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos sensoriais, como luz, som, tato e olfato. Essas sensibilidades podem impactar a resposta comportamental e emocional a diferentes ambientes (Lai et al., 2019).

É importante ressaltar que a variabilidade entre os indivíduos no espectro autista é significativa, e nem todos apresentarão todas essas características de maneira uniforme. Além disso, a apresentação clínica do autismo pode mudar ao longo da vida, exigindo uma abordagem cuidadosa e individualizada.

A identificação das características mais comuns do autismo em adultos é fundamental para orientar práticas clínicas e terapêuticas adaptadas às necessidades específicas dessa população.

O diagnóstico precoce, ainda um desafio considerável, assume uma posição crucial na esfera do autismo adulto. A literatura reflete a escassez de ferramentas específicas e de conscientização necessárias para identificar de maneira precoce os sinais subclínicos (Mazurek et al., 2020). O desafio reside não apenas na detecção, mas na construção de uma rede educacional e clínica que compreenda e antecipe as

complexidades diagnósticas que emergem em estágios mais tardios.

No cenário dos tratamentos, as abordagens multidisciplinares destacam-se como alicerces essenciais. Intervenções comportamentais, terapia ocupacional e abordagens psicoterapêuticas surgem como pilares terapêuticos eficazes na promoção da adaptação social e funcional em adultos com TEA (Rynkiewicz *et al.*, 2016). A personalização dessas intervenções, adaptadas às necessidades individuais, emerge como uma diretriz fundamental na otimização dos resultados terapêuticos.

À medida que transitamos para o domínio dos tratamentos inovadores, abre-se uma janela de possibilidades promissoras. Terapias farmacológicas direcionadas a sintomas específicos, tais como ansiedade e déficits sociais, têm sido objeto de investigação, revelando resultados variados (Hollander *et al.*, 2012). Paralelamente, o advento de abordagens tecnológicas, como realidade virtual e aplicativos, oferece promissoras alternativas terapêuticas, ampliando o leque de estratégias disponíveis (Parsons *et al.*, 2017).

A abordagem terapêutica inovadora no contexto do autismo na vida adulta emerge como uma necessidade premente, buscando não apenas mitigar sintomas específicos, mas promover uma qualidade de vida mais abrangente. No âmbito farmacológico, estudos recentes têm explorado a eficácia de compostos específicos para o tratamento de sintomas do espectro autista. Hollander *et al.* (2012), por exemplo, conduziram pesquisas sobre a administração de oxitocina, evidenciando potenciais benefícios na retenção de habilidades sociais em adultos com autismo.

Outra frente inovadora focaliza o emprego de terapias baseadas em tecnologia. A realidade virtual tem se destacado como uma ferramenta promissora, permitindo simulações de ambientes sociais e oferecendo treinamento para interações sociais desafiadoras. Parsons *et al.* (2017) evidenciam o impacto positivo dessa abordagem, destacando a melhoria das habilidades sociais e comunicativas em adultos no espectro autista.

No campo das terapias assistivas, aplicativos específicos têm ganhado espaço como intervenções inovadoras. Essas soluções tecnológicas direcionadas para dispositivos móveis visam apoiar diversas necessidades, desde a comunicação até o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais. O estudo de Parsons *et al.* (2017)

destaca a eficácia dessas abordagens, ressaltando o papel positivo dos aplicativos no engajamento e no desenvolvimento de competências fundamentais.

Apesar das perspectivas promissoras dessas abordagens inovadoras, é crucial reconhecer que a pesquisa está em constante evolução. A heterogeneidade do espectro autista demanda uma abordagem personalizada, levando em consideração a variabilidade de necessidades e características individuais. Ainda assim, o potencial transformador dessas intervenções inovadoras não pode ser subestimado, representando uma nova fronteira na promoção da funcionalidade e bem-estar para adultos com autismo.

A implementação de uma equipe multidisciplinar se destaca como a quintessência na trajetória de tratamento do autismo na vida adulta. A convergência de conhecimentos de profissionais de saúde mental, neurologistas, terapeutas ocupacionais e outros especialistas se revela como um fator determinante para a concepção e execução de um plano terapêutico abrangente. Esta sinergia não apenas aborda os desafios clínicos específicos, mas também enfatiza a importância da integração social e ocupacional no contexto do TEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem médica ao autismo na vida adulta requer uma compreensão holística das características, repercussões clínicas e tratamentos inovadores associados a essa condição. Os estudos destacam que as características mais comuns em adultos no espectro autista incluem desafios nas interações sociais, comunicação atípica, comportamentos repetitivos e interesses restritos, além de sensibilidades sensoriais.

A literatura médica ressalta a persistência de dificuldades sociais e comunicativas, bem como a presença de comportamentos estereotipados ao longo da vida adulta. As repercussões clínicas abrangem desde questões de saúde mental, como ansiedade e depressão, até desafios em termos de saúde física e acadêmica. É crucial reconhecer a heterogeneidade do espectro autista, pois as características podem variar amplamente entre os indivíduos.

Além disso, a busca por tratamentos inovadores, como terapias farmacológicas direcionadas e abordagens baseadas em tecnologia, abre perspectivas promissoras para

a melhoria da qualidade de vida e funcionalidade em adultos com autismo. No entanto, a pesquisa nesse campo está em constante evolução, exigindo uma abordagem personalizada e integrada.

Em síntese, a abordagem médica ao autismo na vida adulta deve considerar a complexidade e a variabilidade dessa condição, priorizando a identificação precoce, a compreensão das repercussões clínicas e a implementação de tratamentos adaptados às necessidades individuais. Isso não apenas visa melhorar os sintomas do autismo, mas também promover uma participação plena e significativa na sociedade para esses indivíduos.

REFERÊNCIAS

1. American Psychiatric Association (APA). (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.
2. Centers for Disease Control and Prevention (CDC). (2020). *Data & Statistics on Autism Spectrum Disorder*. Retrieved from <https://www.cdc.gov/ncbddd/autism/data.html>
3. Gardener, H., Spiegelman, D., & Buka, S. L. (2009). Prenatal risk factors for autism: comprehensive meta-analysis. *The British Journal of Psychiatry*, 195(1), 7-14.
4. Hollander, E., Bartz, J., Chaplin, W., Phillips, A., Sumner, J., Soorya, L., & Anagnostou, E. (2012). Oxytocin increases retention of social cognition in autism. *Biological Psychiatry*, 61(4), 498-503.
5. Jones, L. A., Bernier, R. A., & Sabatino, A. (2019). Diagnostic stability of autism spectrum disorder in toddlers and preschoolers. *Autism*, 23(4), 950-961.
6. Lai, M. C., Lombardo, M. V., & Baron-Cohen, S. (2019). Autism. *Lancet*, 393(10176), 828-841.
7. Mazurek, M. O., Lu, F., Symecko, H., & Butter, E. (2020). Understanding the Academic Attainment of Adults with Autism Spectrum Disorder: A Person-Centered Approach. *Autism Research*, 13(5), 799-812.
8. Parsons, S., Charman, T., Faulkner, R., Ragan, J., & Wallace, S. (2017). Integrating Technologies for People with Autism: A Socio-Technical View. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 20(1), 1-8.
9. Robins, D. L., Casagrande, K., Barton, M., Chen, C. M., Dumont-Mathieu, T., & Fein, D. (2014). Validation of the Modified Checklist for Autism in Toddlers, Revised With Follow-up (M-CHAT-R/F). *Pediatrics*, 133(1), 37-45.
10. Rynkiewicz, A., Schuller, B., Marchi, E., Piana, S., Camurri, A., Lassalle, A., & Baron-Cohen, S. (2016). An investigation of the 'female camouflage effect' in autism using a computerized ADOS-2 and a test of sex/gender differences. *Molecular Autism*, 7(1), 10.
11. Sandin, S., Lichtenstein, P., Kuja-Halkola, R., Larsson, H., Hultman, C. M., & Reichenberg, A. (2017). The Heritability of Autism Spectrum Disorder. *JAMA*, 318(12), 1182-1184.



12. Smith, T., Groen, A. D., & Wynn, J. W. (2000). Randomized trial of intensive early intervention for children with pervasive developmental disorder. *American Journal on Mental Retardation*, 105(4), 269-285.